Sessão Coordenada: *Uma visão calidoscópica das vozes na aprendizagem de línguas*
Participantes: Lúcia Grigoletti, Matilde Contreras, Ana Lourdes Fernández e Hilário I. Bohn , Coordenador

A VOZ DO NARRADOR NOS RELATOS DE LETRAMENTO E DE ALFABETIZAÇÃO

Hilário I. Bohn, UCPel

Resumo: Estudos identitários têm utilizado a narração, especialmente o relato sobre o *eu* ou sobre algum aspecto deste *eu*, como base lingüística para desvelar a representação da identidade do indivíduo. Isto pode ser verificado nos textos de Bohn (2004) e nas pesquisas apresentadas em Coracini (2007) e Moita Lopes (2003). O mesmo pode ser observado em estudos mais recentes como em Magalhães, Grigoletto e Coracini (2006). Estudos desenvolvidos na França utilizam metodologias de coleta e de análise de dados semelhantes. Trabalhos de pesquisa publicados, por exemplo, por Quellet (2002) sobre identidades narrativas e de Sophie Duchesne (1997) sobre a cidadania francesa utilizam metodologias de coleta e análise de dados semelhantes. No estudo aqui apresentado analisam-se dados de relatos sobre o ingresso dos sujeitos no simbólico da linguagem escrita. Os objetivos da análise são 1) compreender como o narrador desenvolve uma voz própria; 2) como constrói a sua imagem, sua autoridade, sua credibilidade. Procura-se, outrossim, 3) examinar como o narrador cria uma relação de confiança com o seu intelocutor-leitor; 4) como procura reduzir a ambigüidade; 5) analisam-se também os silenciamentos, os apelos à própria experiência e a manifestação da heterogeneidade, constitutiva dos falantes. Os dados de análise provêm de dez narrativas de um grupo de alunos universitários. O comando apresentado aos alunos foi *Como ingressei no mundo simbólico da leitura e da escrita*. Os alunos escreveram o seu texto em casa e tiveram uma semana para fazer a sua reflexão. A interpretação dos dados é feita dentro de uma concepção de linguagem bakhtiniana em que o falante-escritor e aquele que interpreta são definidos como atores-criadores da linguagem, dos sentidos que aí se produzem.

Palavras chave: Alfabetização-letramento, voz do narrador, identidade

1. *A noção de voz*

O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa apresenta 12 significados específicos de voz: *sons emitidos, fala, clamor, ordem em voz alta, boato, palavra, direito de falar, dirigir a palavra a alguém, som (cordas vocais), trecho de composição musical, sugestão íntima, categoria gramatical, tema musical* e 28 expressões correntes em que o lexema *voz* combina com outras palavras, entre estas se destaca: *voz anserina, voz cheia, voz de advertência, voz de cabeça, voz de comando, voz de exceção, voz de papo, voz de*

pipia, voz de sovelão, voz de trovão, voz em grita, voz pastosa, de viva voz, voz de prisão, ter voz ativa. Além disso há as vozes relacionadas com a gramática: *voz ativa, passiva, reflexa* etc. (cf. pg. 2077).

Os dicionários de psicanálise traduzem outros sentidos de voz. Lambotte, M. C. apresenta uma discussão longa da voz no verbete sobre *Psicanálise e Música*. Alguns dos aspectos abordados:

> *"Ora, quando o psicanalista consegue evitar a cilada do sentido, que a facilidade da interpretação imaginária não pára de lhe armar, evidencia-se para ele uma certa ressonância musical da sessão, trazida pelas modulações da voz e pelo ritmo da elocução do paciente. Ora grave, ora aguda – ora colorida, ora 'branca' –, ora regular, ora precipitada, a voz habita as palavras a ponto de indicar o que poderíamos chamar de variações tópicas do discurso. De fato, o discurso ouvido na análise raramente é homogêneo; apresenta-se, na maioria das vezes, sob a forma de uma imbricação de enunciados que pertencem, cada um deles, a diferentes registros da organização psíquica, e a voz que os veicula trai sua origem. Quantas vezes o paciente insiste no 'tom' que acompanha as palavras ouvidas, e que ele reconhece fazer parte, intrinsecamente de sua própria voz? O registro da voz, da mesma forma que a singularidade do olhar, resultaria, assim, do processo inconsciente da identificação primordial, que possibilita a ida do sujeito ao campo do Outro, ou em outras palavras, que permite ao sujeito constituir-se em relação ao Outro, com base em marcas essenciais cuja proveniência ele só vislumbrará muito depois."* (Lambotte, 1996:695-6)

O autor também faz referência ao modelo do estádio do espelho de Lacan, *"que tal como a situação de captação do olhar pela forma especular, poderíamos imaginar um mesmo efeito de captação pela voz, em relação ao qual caberia discernir o que equivaleria à forma (Gestalt). As respostas especulares da ninfa Eco e a perigosa sedução do canto das sereias ilustrariam bem o poder de fascinação da voz. Precisamente quando ela evoca, um pouco de perto demais, o vestígio sensorial da primeira voz em que o sujeito, no estágio de infans, ficou como que suspenso."*

(...) Anzieu *atribui à voz um papel na constituição do 'si', que ele define, antes mesmo da constituição do eu, como um 'conjunto psíquico pré-individual, dotado de um esboço de unidade e identidade'. A voz torna-se então um 'envoltório sonoro do eu' e entra na estruturação posterior do eu, da mesma forma, diríamos, que a imagem especular.*

A voz também tem sido considerada, vista como um dos objetos 'cedíveis' pelo sujeito – *"mantêm com o corpo uma relação de separação e, em virtude disso, participam do processo de desenvolvimento do eu."* (Lambotte, 1996:696)

Outra área a examinar para compreender o conceito de voz, é verificar as definições, os significados produzidos nos estudos lingüísticos, inclusive na literatura. Esta é uma área vasta, apenas exemplificamos com as palavras de Alvarez (2006):

> *"Quando você lê um romance, uma voz está lhe contando uma história, quando lê um poema, ele geralmente fala sobre o que o dono dessa voz está sentindo; mas nem o meio nem a mensagem são o principal aqui. O principal é que essa voz é diferente de qualquer outra que já se tenha escutado, e ela está falando diretamente com você que lê, comungando com você em particular, bem no seu ouvido, e no seu jeito todo peculiar. Pode estar falando com você a partir de séculos atrás ou como se estivesse ali, do outro lado da sala, nada mais atual e próximo, aqui e agora. Os detalhes históricos são secundários; o que importa mesmo é que você a escuta – uma presença inegável na sua cabeça, e mesmo assim realmente viva, não importando há quanto tempo essas palavras tenham sido pronunciadas."* (ALVAREZ, 2006:18)
>
> (...) *o escritor se faz ouvir e o leitor lhe dá ouvidos – ou, mais precisamente, o escritor trabalha para criar ou encontrar uma voz que irá alcançar o leitor, fazendo-o apurar ouvidos e prestar atenção. (ALVAREZ, 2006:19)*

"Minha linguagem é uma prostituta universal que eu tenho de transformar em uma virgem." (Karl Klaus, citado por Alvarez (op. cit. Pg. 42). *"A linguagem é uma prostituta porque, se deixada por sua própria conta, vai executar os mesmos truques gastos com todo mundo. Para restaurar sua virgindade, antes de tudo é preciso despi-la de suas roupas extravagantes – os clichês os tropos, os excessos -, depois, deve-se pôr a dama de dieta e limitá-la ao essencial."* (ibid:42) Vale a pena também conferir esta temática na obra de Maffesoli (2007, 2005) sobre *o Conhecimento Comum* e sobre a *Sombra de Dioniso*.

2. Como construir e como se mostra a voz

Segundo Amossy, *"Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si."* (2005:9)

3. As vozes que ecoam nos relatos

a. - que anunciam participação, inclusão
b. - de agradecimento ao outro
c. - que anunciam conhecimentos, saberes

d. - de desejos, de liberar-se da exclusão
e. - com limitadas reivindicações
f. - familiares, do grupo social
g. - acolhendo outras vozes
h. - que definem nichos sociais
i. - que reconhecem a complexidade
j. - tingidas pela cultura familiar e local
k. - maternas do acolhimento, paternas da disciplina
l. - de aflição pelos saberes parciais
m. - que narram outras histórias prazerosas e de sofrimento
n. - que anunciam organização social e familiar
o. - de perdas, de rupturas (familiares, culturais)
p. - de solidariedade familiar, social
q. - de histórias familiares, hábitos familiares
r. - que anunciam a alegria de novos pertencimentos
s. - vozes que definem compromissos (familiares, sociais)
t. - vozes de superação social, econômica
u. - da história e de avaliação escolar
v. - de parceria com a linguagem, jogar com a língua
w. - de parceria entre práticas religiosas e de alfabetização e letramento
x. - de tessitura familiar e social

4. Conclusão

A entrada no mundo simbólico da leitura e da escrita realiza-se no meio de novas rupturas. Na primeira infância do sujeito há o processo de subjetivação e individuação, a separação da figura materna, a separação dos outros sujeitos sociais. Com a alfabetização, parece que há uma nova ruptura: um distanciamento da linguagem oral; o abandono da ‘sucção’, do ‘paladar suculento’ das palavras para habilidades de reconhecimento, de destreza manual, do domínio de tecnologias e de produção ‘fonológica’, diversas da oralidade. É a aprendizagem da língua paterna.

5. Referências:

ALVAREZ, A. A voz do escritor. Tradução: Luiz A. Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso* – a construção do ethos. Tradução: Dílson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. S. Paulo, SP: Editora Contexto, 2005.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro, arquivo, memória e identidade* – línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DUCHESNE, Sophie. *Citoyenneté à la française*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Scinces Politiques, 1997.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3ª. Edição revista e atualizada. Curitiba, PR: Editora Positivo, 2004.

KAUFMANN, Pierre (editor). *Dicionário enciclopédico de psicanálise* – o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1996.

LAMBOTTE, M. C. Psicanálise e Música. In Kaufmann, P. (Editor). *Dicionário enciclopédico de psicanálise* – o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1996: 692-701

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum* – introdução à sociologia compreensiva. Tradução Aluízio R. Trinta. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

_____. *A sombra de dioniso* – contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução Rogério de Almeida. S. Paulo, SP: Editora Zouk, 2005.

MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M. e CORACINI, M.J. (Org.). *Práticas identitárias* – língua e discurso. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2006

MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Discursos de identidades* – discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003

OUELLET, Pierre et al. (org.). *Identités narratives* – mémoire et perception. Québec: Les Presses de L'Université Laval: 2002.